



Afro-Ásia

ISSN: 0002-0591

revista.afroasia@gmail.com

Universidade Federal da Bahia

Brasil

Domingues, Petrônio  
Lino Guedes: de filho de ex-escravo à "elite de cor"  
Afro-Ásia, núm. 41, 2010, pp. 133-166  
Universidade Federal da Bahia  
Bahía, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77020005004>

- ▶ [Como citar este artigo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Mais artigos](#)
- ▶ [Home da revista no Redalyc](#)

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



## LINO GUEDES: DE FILHO DE EX-ESCRAVO À “ELITE DE COR”\*

*Petrônio Domingues*\*\*

Penso que talvez ignores,  
Singela e meiga Dictinha,  
Que desta localidade  
És a mais bela pretinha  
Se não fosse profanar-te,  
Chamar-te-ia... francesinha!

Então, quando vaes à reza  
Com o teu vestido de cassa,  
Não há mesmo quem não fale,  
Orgulho da minha raça:  
– Olha que preta bonita  
E que andar cheio de graça!...

Se às vezes sorrio, à esmo,  
Não me tomes por caduco.  
Com teu vulto nos meus olhos,  
Ando como aquele turco  
Que, doloroso destino,  
Ao te ver, ficou maluco...<sup>1</sup>

Em 1927, Lino Guedes publicou o poema acima, “Dictinha”, que fazia parte do livro *O canto do cisne preto*. Pode-se supor que ele surpreendeu a literatura brasileira ou, no mínimo, causou desconforto para alguns

\* Doutor em História (USP) e Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

\*\* O autor agradece a Cláudia Nunes, da Universidade Tiradentes, e a Micol Seigel, da Indiana University, a leitura cuidadosa da versão preliminar deste texto e suas valiosas sugestões.

<sup>1</sup> Lino Guedes, *O Canto do Cisne Preto*, São Paulo: Typ. Aurea, 1927, p. 15.



dos leitores do poema. Em pleno país da mestiçagem e do “paraíso” das mulatas, um discurso de valorização da mulher negra e de orgulho racial?

Três anos depois dessa iniciativa, Guedes testemunhou uma grande reviravolta na vida do País. Às 17h15min, do dia 3 de outubro de 1930, iniciou-se um movimento armado que conduziu Getúlio Vargas ao poder. Um mês depois, o chefe político gaúcho era investido por uma junta militar no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, selando o fim da chamada República Velha. Desenvolvimento, projeto nacional, prosperidade, direitos trabalhistas, justiça social, combate às oligarquias, eis algumas das muitas promessas que o novo governo fez ao povo brasileiro. Tempos de esperanças, entusiasmos, expectativas, otimismos, alegrias. As classes médias ansiavam pela moralização da coisa pública, pelo fim das fraudes eleitorais e pelo solapamento do poder das elites aristocráticas e anacrônicas. As camadas populares, por sua vez, não ficaram apáticas e resolveram fazer uma experiência com aquele que seria considerado futuramente o “Pai dos Pobres”. Muitos afro-brasileiros também deram um voto de confiança ao novo governo e realimentaram suas esperanças de que dias melhores viriam.

O ufanismo geral, porém, não demorou muito. Ainda em 1930, Vargas decretou o fim do feriado de 13 de maio, quando se comemorava a abolição da escravatura. Se vários setores da sociedade civil ficaram indiferentes a essa medida, não foi o caso dos ativistas do chamado movimento associativo dos “homens de cor”. Um deles, Lino Guedes, não hesitou em utilizar a primeira página do jornal *Progresso* para criticar a República de Outubro:

Arrancado do número dos feriados o 13 de Maio, escondeu-se, timidamente embora, entre as páginas dos compêndios consultivos sobre a História do Brasil. Bem aviada, andou a República de Outubro, passando a esponja do esquecimento sobre o fato desconcertante para a maioria dos brasileiros que a data recorda.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> *Progresso*, 31 de maio de 1931, p. 1. Nas comemorações da abolição da escravatura daquele ano, a emissora de rádio *Educadora Paulista* organizou um programa especial sobre o assunto. Convidado, Lino Guedes, além de ter declamado versos de sua autoria, fez o discurso inicial do programa e questionou o decreto que aboliu o feriado de 13 de Maio. *Diário de São Paulo*, 13 de maio de 1931, p. 5.



Guedes não se conformava com a insensibilidade demonstrada pelo novo governo. Em tom de ironia, continuou destilando veneno contra a decisão de acabar com o feriado de 13 de maio:

Como e para que festejarmos oficialmente a abolição do trabalho servil? Que conquista fizemos nós, se não fomos além do cumprimento de um dever rudimentar? Onde a magnanimidade de um soberano ou de uma estirpe que restitui ao negro o direito que ao negro assiste pelo nascimento – a liberdade individual? Então é clemência ou justiça vulgar restituir-se a alguém o objeto que se tenha furtado?<sup>3</sup>

Para Guedes, o feriado de 13 de maio não era qualquer um. Servia para celebrar a liberdade de uma “raça” e, no limite, de toda a nação. O fim da escravidão teria significado a solução de um problema nacional, representando uma conquista do conjunto do povo brasileiro, beneficiando, assim, negros e brancos, de todas as regiões, de todas as classes sociais. Uma página ignominiosa da história fora virada, mas jamais poderia ser esquecida. Portanto, o feriado prestava-se para fazer “justiça vulgar” e antes manter vivo – na memória de negros e brancos – o senso de civismo, de patriotismo e de congraçamento nacional.

O interessante é que não foi só nessas duas iniciativas – de publicação do livro *O canto do cisne preto* e do artigo no periódico *Progresso* – que Lino Guedes ocupou o espaço público, posicionou-se no debate nacional e manejou a pena para escrever poética e jornalisticamente em defesa dos interesses da “classe dos homens de cor”. Entretanto, quem foi esse afro-brasileiro? Como se deu sua participação no periódico *Progresso*? Eis as questões centrais desse artigo. Se não for possível dar respostas definitivas – e, provavelmente, não o será – pelo menos pretende-se suscitar algumas questões ligadas às experiências e às trajetórias dos descendentes de africanos em diáspora no Brasil.

É comum pensar-se que o negro, depois da abolição da escravidão – em 13 de maio de 1888 – ficou completamente à deriva, excluído do mercado de trabalho e da vida nacional. Para não alongar a lista de

<sup>3</sup> *Diário de São Paulo*, 13 de maio de 1931, p. 5.





intelectuais que comungaram dessa ideia, basta apresentar os argumentos de Celso Furtado, para justificar a escolha do imigrante europeu em detrimento do ex-escravo no mercado de trabalho depois do fim do cativeiro:

Cabe tão-somente lembrar que o reduzido desenvolvimento mental da população submetida à escravidão provocará a segregação parcial dessa após a Abolição, retardando sua assimilação e entorpecendo o desenvolvimento econômico do país.<sup>4</sup>

O retrato completo da explicação compactuada por Celso Furtado aponta para um negro anônomo: desqualificado profissionalmente, desempregado, subempregado ou realizando serviços braçais, analfabeto, xucro, desarticulado social e politicamente, despreparado para o mundo “civilizado” e a vida “moderna” e, por fim, soterrado em seu complexo de inferioridade. À parte o etnocentrismo, essa explicação esquemática, simplista e reducionista tem sua dose de plausibilidade, mas não é tudo que se pode (e se deve) ser dito acerca do destino dos ex-escravos e de seus descendentes. A história é mais complexa, multifacetada, contraditória e fértil de fatos, cenários, personagens e contextos do que pensava o reputado Celso Furtado. Além dos negros que ficaram marginalizados – que, diga-se de passagem, não se recomenda negligenciá-los – houve aqueles que, sem abdicar de sua identidade racial, também ascenderam social e culturalmente, destacando-se em profissões de prestígio, sendo reconhecidos em ambientes letrados e respeitados pelos mais diferentes estratos da sociedade.

## De Socorro para Campinas

Um desses casos foi Lino de Pinto Guedes, cujos fragmentos de sua trajetória doravante serão aqui pautados. Lino Guedes – como era mais conhecido – nasceu na cidade de Socorro, interior de São Paulo, em 24 de junho de 1897. As informações sobre os primeiros anos de sua vida são exígues e desencontradas. Consta que tinha orgulho de ser tanto um

<sup>4</sup> Celso Furtado, *Formação Econômica do Brasil*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2000, p. 144.



“descendente de africanos sem o contingente de outra raça”, como um genuíno brasileiro, “tão genuíno como todos os que o são através de longas gerações”.<sup>5</sup> Seus pais eram dois ex-escravos, chamados José Pinto Guedes e Benedita Eugênia Guedes. Com apenas dois meses de vida, perdeu o pai, o que fez com que sua mãe ficasse responsável por sua educação e de sua única irmã, Gracinda Guedes. Tudo indica que a família atravessou uma fase de dificuldades, até que o “coronel” Olympio Gonçalves dos Reis – fazendeiro e um dos chefes políticos mais poderosos da cidade de Socorro – estendeu-lhe “a mão protetora, guiando-o sempre com carinhosa filantropia”. Provavelmente, o gesto desse “benemérito cidadão” está ligado ao fato de os pais de Guedes lhe terem pertencido como escravos. A “carinhosa filantropia”, portanto, era um resquício da época do cativeiro, quando alguns senhores se relacionavam com seus escravos, a partir de práticas paternalistas (como o de apadrinhamento, amparo moral, proteção social e, por vezes, ajuda pecuniária). Na medida em que os senhores “iludiam” seus escravos por meio desses expedientes de dependência pessoal, mais facilmente conseguiam espoliá-los. No entanto, essa explicação é simplista e cípiosa, pois, como postula E. P. Thompson, o paternalismo é configurado por leituras diferentes por parte dos envolvidos no “campo de força comum”.<sup>6</sup> O que para os “de cima” significa doação, “filantropia”, para os “de baixo”, significa conquista, por isso procuram retirar o melhor proveito da situação que, a rigor, lhes é desfavorável. Se o “coronel” Olympio dos Reis assistiu a Lino Guedes pecuniária e socialmente, em troca, este lhe retribuiu com deferência, lealdade e gratidão. Tratou-se de uma troca social, como diz Thompson, “desprovida de qualquer ilusão”.

Foi a partir da relação paternalista com o “coronel” que Guedes conseguiu, desde a tenra idade, ingressar e se manter na escola, num período em que não era fácil arcar com as despesas dos estudos e vários estabelecimentos de ensino de São Paulo (e de outros estados do país) recusavam a matrícula de crianças negras. No período em que esteve no grupo escolar de Socorro, deu os primeiros sinais de sua vo-

<sup>5</sup> Getulino, 22 de junho de 1924, p. 2.

<sup>6</sup> E. P. Thompson, *Costumes em Comum: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 78.





cação para o jornalismo. Cumpre observar, aliás, que o franzino Guedes começou bem cedo na imprensa. Por volta de seus 13 anos de idade, colaborou com o jornal *Cidade de Socorro*. Da estreia para a ascensão no meio jornalístico foi questão de tempo.

Depois de ter concluído o equivalente ao atual ensino fundamental, mudou-se para a cidade de Campinas, em 1912, a fim de dar continuidade aos estudos na escola normal e tornar-se professor. Na nova instituição de ensino, participou do grêmio literário e colaborou nos jornais *A Gazetilha*, *A Eclética*, *A Camélia*, *O Discípulo*, *A Tribuna* e *Polyanthéa*.<sup>7</sup>

Campinas significou um salto na vida de Guedes. A cidade era um centro econômico e cultural, que atravessava um acelerado processo de crescimento urbano e industrial. Em 1890, a população do município foi calculada em 60 mil pessoas. Já em 1909, a estimativa era de 100 mil pessoas, e o recenseamento de 1920 apresentava o número total de 115.595. Isto significa que, em trinta anos, essa população quase duplicou. Em 1906, já era apontada pela imprensa local como a segunda cidade do Estado, posição que conquistara antes e que conservaria tempo depois, “constituindo-se um notável centro comercial”.<sup>8</sup> Contribuía sua posição geográfica em relação a Santos e a outros pontos de escoamento da produção agrícola do Estado de São Paulo e de parte de Minas Gerais. A cafeicultura incrementou o desenvolvimento do município e impulsionou a evolução industrial. Das diversas fábricas, destacavam-se as de refinação de açúcar, a de chapéus, a de máquinas para a lavoura, a de móveis, a de fiação e tecelagem, as caldeirarias, as olarias e o curtume. Campinas já esboçava soprar os ventos da modernidade em 1912.

Foi lá que Guedes afirmou sua personalidade “altiva”,<sup>9</sup> ampliou seu ciclo de amizades, descortinou outros horizontes e passou a frequentar novos ambientes sociais e culturais, como o Clube Culto à Ciência, onde intelectuais e pessoas ilustres da cidade se reuniam. Diante de tantas e inovadoras perspectivas de progresso profissional, desistiu da formação para a carreira docente, abandonando a escola normal no

<sup>7</sup> *Getulino*, 22 de junho de 1924, p. 2.

<sup>8</sup> Cleber da Silva Maciel, *Discriminações Raciais: Negros em Campinas, 1888-1926*, Campinas: CMU-UNICAMP, 1997, p. 42.

<sup>9</sup> *Getulino*, 22 de junho de 1924, p. 2.





terceiro ano e assumindo a sua verdadeira vocação: o jornalismo. Obteve o certificado do propedêutico apenas em 1920. Tudo indica que, nesse interregno – entre a desistência de seguir a carreira do magistério e a conclusão do propedêutico – Guedes se afastou da escola por alguns anos. Procurando romper com todos os laços de subordinação financeira e paternalista, foi funcionário de uma grande empresa ferroviária, mas, devido ao seu “espírito de independência”, abandonou-a. A partir de então, dedicou-se exclusivamente às lides jornalísticas.

Seu primeiro emprego foi no *Diário do Povo*, jornal em que foi contratado como revisor auxiliar, em 1912. Parece que essa experiência profissional foi decisiva na vida de Guedes. Com o aprendizado num periódico da grande imprensa campineira, ele pôde potencializar suas habilidades e competências, o que lhe proporcionou novas oportunidades de trabalho. Paralelamente às suas atividades no *Diário do Povo*, prestou serviços para jornais da capital paulista (*Correio Paulistano*, *A Capital* e *A Platea*), como “correspondente auxiliar”.<sup>10</sup>

Em 1918, foi contratado pelo *Correio de Campinas*, ocupando o cargo de revisor chefe. No ano seguinte, o jornal faliu e Guedes voltou a trabalhar no *Diário do Povo*, como revisor e redator das seções “Teatro e Cinemas” e “Câmara Municipal”. Todavia, sua segunda passagem por esse jornal foi efêmera, pois, diante de um convite de trabalho, transferiu-se para o *Correio Popular*, um dos periódicos mais modernos da época. Essa série de mudanças de emprego é um indício de que Guedes não perdia a perspectiva de ascensão profissional, circulava com facilidade nas redações dos principais jornais de Campinas e, principalmente, indica que ele conquistou o seu espaço na grande imprensa da cidade.

Simultaneamente à sua atividade profissional, Guedes dedicou-se à militância racial. Afinal, um de seus grandes sonhos era ver a elevação moral, social e cultural da “classe dos homens de cor” – como se dizia na época, conquanto ele não foi um caso isolado. Campinas era uma cidade cuja população negra alcançou um elevado nível de organização e conscientização raciais, criando suas próprias associações re-creativas, benéficas, culturais, cívicas, educacionais, teatrais etc.

<sup>10</sup> *Getulino*, 22 de junho de 1924, p. 2.





Cleber da Silva Maciel registra a existência de 25 associações afro-campineiras entre 1888 e 1926.<sup>11</sup> Já Paula Cristina Bin Nomelini identifica cerca de 19 entre 1906 e 1930.<sup>12</sup> Elas congregavam diversos tipos de atividades culturais e de lazer, como jogos, danças, esportes, reuniões sociais e políticas, palestras, cursos e excursões.

Guedes frequentava assiduamente essas associações, esses bairros e outros eventos sociais animados pela comunidade negra. Participou da Sociedade União Cívica dos Homens de Cor, bem como foi orador do Centro Recreativo Dramático Familiar 13 de Maio e do Grêmio Recreativo Dançante Estrela Celeste. De maneira similar, foi fundador e sócio benemérito do Grêmio Dramático Luiz Gama e sócio honorário da Sociedade Dançante Belo Horizonte.<sup>13</sup> Aproveitando-se de seu veio jornalístico, agenciou-se na produção da chamada *imprensa negra* (jornais criados por e para os afro-brasileiros). O primeiro desses jornais a ser fundado por ele se chamava *A União* – editado pela União Cívica dos Homens de Cor, a partir de 1915.

Em companhia do jornalista Benedito Florêncio, seu colega de profissão, e do poeta Gervásio de Moraes, ambos negros, Guedes fundou o *Getulino*, em 1923. Em sua primeira edição, o jornal declarava mobilizar esforços e energias em prol da “prosperidade da raça negra”.<sup>14</sup> Lendo as suas páginas, é possível surpreender a população afro-campineira no tocante aos problemas, ao cotidiano e à visão de mundo: suas opiniões sobre racismo, costumes sociais, mobilizações populares, imigração, desemprego, custo de vida, questões políticas, econômicas, sociais, culturais e existenciais.<sup>15</sup>

<sup>11</sup> Maciel, *Discriminações Raciais*, pp. 73-84.

<sup>12</sup> Paula Christina Bin Nomelini, “Associações Operárias Mutualistas e Recreativas em Campinas, 1906-1930” (Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, 2007), p. 66.

<sup>13</sup> Maciel informa que a Sociedade União Cívica dos Homens de Cor se estruturou em 1915, “participando da organização do 13 de maio; realizou algumas palestras em 1917 na sua sede, [...] onde também promoveu e realizou muitas palestras e festivais”. O Grêmio Recreativo Dançante Estrela Celeste existiu entre 1916 e 1917, sendo mais uma sociedade dançante. Já o Grêmio Dramático Luiz Gama foi instituído em 1919, fazendo várias apresentações artísticas. Sua atuação foi registrada até 1923. Maciel, *Discriminações Raciais*, pp. 80-3.

<sup>14</sup> *Getulino*, 29 de julho de 1923, p. 1.

<sup>15</sup> A esse respeito, ver Rodrigo Miranda, “Um Caminho de Suor e Letras: a Militância Negra em Campinas e a Construção de uma Comunidade Imaginada nas Páginas do *Getulino*, Campinas, 1923-1926”, (Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, 2005).



Em termos de militância, a grande inspiração de Guedes foi o abolicionista afro-brasileiro Luiz Gama, conhecido pela alcunha de Getulino. Foi para homenageá-lo que o jornalista negro convenceu seus companheiros a escolher *Getulino* como título da nova gazeta. Porém esta, assim como outras publicações do gênero, não teve vida longa. Três anos depois de vir a lume, *Getulino* encerrou suas atividades.

### **De Campinas para a Pauliceia desvairada**

Possivelmente Guedes passou a achar a cidade de Campinas pequena para suas ambições pessoais e profissionais, por isso transferiu-se para a capital paulista em 1926. A escolha não foi aleatória. São Paulo já era uma cidade de padrões cosmopolitas, contando com a presença significativa de imigrantes estrangeiros: italianos sobretudo, e também portugueses, espanhóis, japoneses, sírio-libaneses, judeus, armênios e húngaros. A eles somava-se a população nacional, formada, entre outros, por negros e mestiços.<sup>16</sup>

No início do século XX, a cidade de São Paulo dobrou sua população num intervalo de quinze anos: saltou de 500.000 habitantes, em 1917, para 1.000.000, em 1933, expandindo-se “radialmente num surto de indisciplinada energia”.<sup>17</sup> Os dados dos censos de 1910, de 1920 e de 1934 apontam o crescimento rápido e constante da população da cidade, que passa, respectivamente, de 239.820 para 579.033 e 1.060.120 habitantes. Contudo, não se sabe ao certo qual teria sido o crescimento da população negra nesse período. Em pesquisa pioneira, Samuel Harman Lowrie consultou e cruzou diversas fontes de informação para sugerir que a proporção de “negros” e “mulatos” oscilou, nesse período, entre 8%, 9% e 12%, respectivamente.<sup>18</sup>

Estruturando-se em boa parte nos botequins, restaurantes, cafés, teatros, parques de pedestres etc., a vida pública da emergente metró-

<sup>16</sup> Michael Hall, “Imigrantes na Cidade de São Paulo”, in Paula Porta (org.), *História da Cidade de São Paulo*, vol. 3 (São Paulo: Paz e Terra, 2004), pp. 121-51.

<sup>17</sup> Richard M. Morse, *Formação Histórica de São Paulo: de Comunidade à Metrópole*, São Paulo: Difel, 1970, p. 295.

<sup>18</sup> Samuel Harman Lowrie, “O elemento negro na população de São Paulo,” *Revista do Arquivo Municipal*, n. 48 (1938), p. 27.





pole se complexificava, abrigando distintas urdiduras e concepções de política, ética e identidade. Residências, indústrias, comércios e serviços espraiaram-se num uso pródigo do espaço. Assistiu-se ao advento do rádio, do cinema, da “impressão visual”, enfim, a cidade pulsava o embrião de uma sociedade de massas.

Nicolau Sevcenko assinala como São Paulo crescia, se urbanizava e se modernizava em ritmo vertiginoso nos anos 1920, com o frêmito das novas tecnologias sendo transposto para os corpos e as mentes através de celebrações físicas, cívicas e míticas no espaço público.<sup>19</sup> Tudo isso impressionava os turistas, fossem nacionais ou estrangeiros. Por ocasião de sua visita à cidade, a “Miss Universo” Yolanda Pereira concedeu uma entrevista para o jornal *Progresso*. Nela, a “bela gaúcha” declarou: “Tudo em São Paulo encanta, tudo. O seu perfil neyorkino, a vertigem de sua vida agitada, o cavalheirismo de seus filhos e o entusiasmo de sua gente bandeirante”.<sup>20</sup> Além da “Miss Universo”, a pauliceia desvairada atraiu a atenção de Blaise Cendrars, uma das personalidades mais festejadas da vida artística europeia e considerado o maior poeta moderno francês depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1919). Ele ficou tão magnetizado pela metropolização de São Paulo, que chegou a visitá-la quatro vezes na década de 1920.

Paradoxalmente, a cidade também era palco de um processo de exacerbação das tensões sociais. Se nela Cendrars foi acolhido de braços abertos, o mesmo não se pode dizer de muitos migrantes negros; afinal, “o passado escravista, ainda recente, palpita nos tratos sociais e na atitude discricionária, peremptória, brutal das autoridades, conferindo às relações hierárquicas um acento lancinante, quando não atroz”.<sup>21</sup>

De toda sorte, Guedes muito provavelmente gostava de respirar o ar cosmopolita de São Paulo, pela mística, pelas expectativas que irradiava, pelas potencialidades que latejavam, pelo elã virtualmente democratizador de oportunidades e realizações. Ali, logo começou a trabalhar no *Jornal do Comércio*, tendo-se afiliado à Associação Brasilei-

<sup>19</sup> Nicolau Sevcenko, *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frenéticos Anos 20*, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>20</sup> *Progresso*, 31 de maio de 1931, p. 1.

<sup>21</sup> Sevcenko, *Orfeu Extático*, p. 31.





ra de Imprensa e atuado em outros órgãos jornais – *O Combate, A Razão, Correio Paulistano* e, por último, no *Diário de São Paulo*, de onde não saiu mais até o seu passamento.

Na pauliceia desvairada, continuou enfronhado nas associações recreativas dos “homens e mulheres de cor”, onde, em suas reuniões sociais e nos seus bailes, contraía novas amizades, ouvia música, dançava, paquerava; exibia seu novo terno, seu sapato bem lustroso; ostentava sua erudição, recitava seus poemas, enfim, onde se sentia verdadeiramente “gente”. E o que não lhe faltava eram espaços desse gênero. Agenciando no âmbito da sociedade civil uma viva rede de associações (centros cívicos, sociedades benéficas, clubes, grêmios literários, grupos cênicos) e jornais, as “pessoas de cor” articulavam e promoviam vários eventos e diversas atividades, como palestras, cursos de alfabetização, apresentações teatrais, recitais de poesia, bailes, convescotes, concursos femininos, jogos, manifestações públicas, romarias aos túmulos dos abolicionistas, comemorações no dia 13 de maio.

George Reid Andrews nota que os próprios nomes das associações já indicam como essas “pessoas de cor” se viam, ou desejavam ser vistas: a elite, o grupo inteligente, que se mantinha à parte e não se confundia com os negros pobres.<sup>22</sup> Lino Guedes passou então a fazer parte da chamada “elite de cor”. Isto mais em razão do papel intelectual e cultural que exercia do que pela condição econômica que desfrutava. É verdade que sua posição na estrutura de classe da cidade diferia da situação experimentada pelas “camadas populares de cor” – afinal, não era qualquer um que conseguia se afirmar como jornalista da grande imprensa –, mas isso não permite assegurar que ele vivia num outro mundo. José Carlos Gomes da Silva argumenta que essa “elite de cor” ocupava geralmente funções de caráter burocrático. Atuava também no funcionalismo público, na área militar, no setor de serviços – como motoristas particulares, empregados domésticos – e, fundamentalmente, como profissionais liberais: advogados, jornalistas, técnicos de nível médio, artistas etc. Por isso, “não pode ser considerada uma elite no

<sup>22</sup> George Reid Andrews, *Negros e Brancos em São Paulo, 1888-1988*, Bauru: EDUSC, 1998, p. 220.



sentido socioeconômico, como empregamos para a burguesia cafeeira, pois não eram detentores dos meios de produção".<sup>23</sup>

Ademais, cumpre ressaltar que essa divisão dicotômica (elite *versus* camadas populares de cor) não reflete o complexo, ambivalente e contraditório universo dos comportamentos, dos valores e das ações dos agentes históricos em tela. Para além de posicionamentos fixos na estrutura de classes, os diversos estratos da população negra levavam uma vida instável, de perdas e ganhos, de barganhas e arranjos, de mobilidades horizontais e verticais. Já do ponto de vista cultural, não se apartavam rigidamente, pelo contrário, se comunicavam, transitavam e interagiam cotidianamente. Isto significa dizer que as fronteiras socioculturais, entre os distintos segmentos da população de cor, eram fluidas e moveidas. Para Butler, os jornais da imprensa negra são um exemplo disso. Embora produzidos por uma "elite negra", representavam (ou procuravam representar) um grupo maior, tendo em vista que seus editores e colaboradores permaneciam próximos e ligados organicamente ao resto da comunidade afro-paulistana.<sup>24</sup>

O uso do termo "elite de cor" é problemático e, aqui, serve apenas para mostrar que um grupo se percebia (ou queria ser percebido) como especial em relação à maioria dos negros, um grupo diferenciado. "Eu diria", pondera Regina Pahim Pinto, "que seria mais correto qualificá-los como indivíduos que estavam num processo de conscientização do valor de ser negro, conscientização essa que eles também estavam tentando transmitir à população negra em geral".<sup>25</sup> Investindo no manejo de certo capital econômico e cultural (sinais de distinção, prestígio e *status*), a partir de um gosto de classe e estilo de vida com "ambícios de ascensão e suas preocupações de respeitabilidade",<sup>26</sup> um grupo de afro-paulistas procurou exercer o papel de lideranças intelectuais da coletivi-

<sup>23</sup> José Carlos Gomes da Silva, "Os Sub Urbanos e a Outra Face da Cidade. Negros em São Paulo: Cotidiano, Lazer e Cidadania, 1900-1930", (Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, 1990), p. 103.

<sup>24</sup> Kim D. Butler, *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-brazilians in Post-Abolition São Paulo and Salvador*, New Brunswick: Rutgers University Press, 1998, p. 90.

<sup>25</sup> Regina Pahim Pinto, "O Movimento Negro em São Paulo: Luta e Identidade", (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1993), p. 55.

<sup>26</sup> Pierre Bourdieu, "Gosto de classe e estilo de vida," in Renato Ortiz (org.), *Pierre Bourdieu*, (São Paulo: Ática, 1994), pp. 82-121.



dade negra. Não é de estranhar, já que os “intelectuais têm sido apontados como elementos importantes no impulsionamento dos movimentos sociais”. Mais do que repercutir as questões de seu tempo, eles “têm possibilidade de articular os descontentamentos e os ressentimentos das pessoas e, assim, delinear utopias”.<sup>27</sup>

Das associações dos “homens de cor” do período, o Centro Cívico Palmares foi uma das mais reputadas. Estabelecido em 1926, era assim chamado em homenagem ao quilombo dos Palmares – a maior comunidade de escravos fugitivos da história das Américas, formada no Nordeste no século XVII. Contando em seus quadros com importantes lideranças afro-brasileiras – como Arlindo Veiga dos Santos, Nestor de Macedo, Isaltino Veiga dos Santos, Raul Joviano do Amaral e Vicente Ferreira – o Centro Cívico Palmares pugnou pela “elevação moral da gente de cor” e deu continuidade à obra “inacabada” da Abolição, haja vista as condições de vida dos descendentes de escravos na cidade. Guedes não perdeu o bonde da história do ativismo negro. Há indícios de que ele participou do Centro Cívico Palmares logo que chegou de Campinas, entretanto são apenas indícios.<sup>28</sup> O que não se tem dúvida é de que ele aproveitou sua bagagem de experiência na imprensa negra de Campinas e não tardou a se tornar articulista de um desses jornais em São Paulo, *O Clarim da Alvorada*, até que, em 1928, colaborou com Argentino Celso Wanderley na fundação do jornal *Progresso*, cujo escopo era “propugnar pelos oprimidos tendo como diretriz única elevar o nome dessa mesma Raça [negra], semeando os germens civis do trigo moral para a sagrada crestassem do pão-progresso”.<sup>29</sup> Para não pairar nenhum tipo de dúvida, o jornal já declarava na primeira edição o seu recorte racial e seu objetivo precípua de batalhar pelo soerguimento “moral” da população negra.

<sup>27</sup> Pinto, “O Movimento Negro”, p. 55.

<sup>28</sup> Butler, *Freedoms Given*, p. 103.

<sup>29</sup> *Progresso*, 23 de junho de 1928, p. 1. É interessante notar como esse jornal se autoidentificava como parte da “imprensa negra”, o que permite pensar que o uso desse termo não é anacrônico: “Para a prosperidade das letras, e para a grandeza da imprensa negra do Brasil, é bastante que V. S. tome uma assinatura do *Progresso*”. *Progresso*, 20 de abril de 1930, p. 1.



## A utopia redentora

Vários autores já fizeram alusão a esse jornal. Sem maiores delongas, basta citar três deles. De acordo com Kim Butler, *Progresso* foi vanguardista no uso regular do termo “negro”, buscando conferir-lhe uma conotação positiva. É verdade que o termo aparecia noutros jornais, mas o “preto” era ainda aquele usado com maior frequência.<sup>30</sup> Já George Andrews acusa o *Progresso* de ser “relativamente conservador”, mas não esmiúça essa acusação; apenas assevera que o jornal “tentou reduzir a extensão da discriminação e do racismo na cidade, e pedido moderação e acomodação a seus leitores”.<sup>31</sup> No vértice quase oposto, Paulino de Jesus F. Cardoso julga que nenhuma das instituições envolvidas no processo de formação do “movimento negro paulistano” expressou “tão bem as ambigüidades, as novidades, os receios [desse movimento], do que o jornal *Progresso*”.<sup>32</sup> O julgamento do historiador catarinense é exagerado, porém não se tem dúvida da importância desse jornal, tampouco que ele refletiu os anseios, as ambivalências, as expectativas e os projetos de uma parcela da população afro-paulistana.

Em linhas gerais, as notícias veiculadas no *Progresso* versavam sobre política, cotidiano, mercado de trabalho, educação, família, memória, questões raciais, mobilização contra o “preconceito de cor”, vida social, personalidades afro-brasileiras de destaque, cultura, arte, “movimento associativo”, cordões carnavalescos, festas religiosas e a luta do negro pelo mundo. Esta, aliás, foi uma das inovações do jornal: ter forjado o embrião de uma perspectiva racial transnacional, transatlântica, por que não dizer diáspórica. De todos os rincões do mundo, da Austrália aos Estados Unidos, passando pela África do Sul e França, chegavam notícias referentes ao negro e a sua luta emancipatória.

Foram publicadas notas fazendo alusão ao “negrismo” da Europa, especialmente de Paris,<sup>33</sup> ao “Congresso Internacional dos Povos

<sup>30</sup> Butler, *Freedoms Given*, p. 107.

<sup>31</sup> Andrews, *Negros e Brancos em São Paulo*, p. 231.

<sup>32</sup> Paulino de Jesus Cardoso, “A Luta contra a Apatia. Estudo sobre a Instituição do Movimento Negro Anti-Racista na Cidade de São Paulo, 1915-1931”, (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993), p. 148.

<sup>33</sup> *Progresso*, 24 de março de 1929, p. 1.



Negros”, em Kingston (Jamaica), “sob a presidência do famoso líder negro Marcus Garvey”;<sup>34</sup> à “Terceira Convenção Anual dos Homens Pretos do Mundo” (Estados Unidos), mostrando ao leitor a necessidade de uma “política internacional para a raça negra”.<sup>35</sup> De fato, o protagonismo negro – para além das fronteiras paulistas e brasileiras – era amiúde pautado nas páginas do *Progresso*. Mais do que isso: aqueles que despontavam e faziam sucesso – como a “fenomenal” bailarina Josephine Baker e suas turnês mundiais,<sup>36</sup> os vitoriosos pugilistas Kid Chocolate<sup>37</sup> e Al Brown<sup>38</sup> – eram não só celebrados, mas suas “façanhas” eram comemoradas como conquistas de todos os afrodescendentes do planeta. Em grande parte, essa postura diaspórica do jornal *Progresso* deve-se a seu editor, Lino Guedes. Jornalista profissional, não deixava de manter-se conectado com as agências internacionais de notícias e ter acesso às publicações da imprensa negra estadunidense.

No que diz respeito à África, o jornal constantemente veiculava reportagens e notas sobre o continente – abordando temas como descobertas arqueológicas, dinastias políticas, problemas coloniais etc. Havia uma predileção pela Libéria e pela Etiópia, pois eram os únicos países independentes, soberanos e governados pelos próprios negros. Predominava, porém, uma visão estereotipada e pitoresca da África, não raramente retratada como um continente habitado por “tribos de bárbaros” e “animais selvagens, como os leões e os tigres, lindamente pintados, e pássaros de plumagem multicores”.<sup>39</sup>

O jornal não vivia só de transmitir notícias e informações atinentes aos negros do Brasil e do mundo. A organização e a articulação político-culturais dos afro-paulistas também fizeram parte de seu raio de ação. Durante os seus mais de quatro anos de vida, promoveu (ou animou) múltiplas atividades – como concurso para a escolha da “Miss Progresso”,<sup>40</sup>

<sup>34</sup> *Progresso*, 31 de agosto de 1929, p. 3.

<sup>35</sup> *Progresso*, 31 de agosto de 1929, p. 4.

<sup>36</sup> *Progresso*, 24 de novembro de 1929, p. 5.

<sup>37</sup> *Progresso*, 24 de novembro de 1929, p. 1.

<sup>38</sup> *Progresso*, 31 de agosto de 1929, p. 3.

<sup>39</sup> “Bushman”. *Progresso*, 28 de abril de 1929, p. 2; “A poesia do continente negro”. *Progresso*, 31 de outubro de 1929, p. 5.

<sup>40</sup> “O que nos disse a senhorita Leontina M. Bonilha, que conquistou o título de ‘Miss Progresso’”. *Progresso*, 30 de agosto de 1931, p. 3.



romarias cívicas, reuniões sociais e palestras –, sendo a mais importante delas a campanha pública em prol da instalação de uma herma a Luiz Gama, o legendário abolicionista afro-brasileiro.

No jornal *Progresso*, Guedes procurou convencer o público leitor que seu projeto em prol da emancipação do “negro” – baseado num discurso nacionalista, moralizante, de valorização da “raça”, da educação e da religião – era o melhor. Quando ele usava o conceito de “negro”, referia-se a “pretos” e “mulatos”. Tal concepção, porém, não era original para aquele momento. Conforme assevera Butler, uma das mais significativas contribuições dos afro-paulistanos foi o vigor para redefinir o significado social de “raça”, sendo que a identidade étnica advogada por eles incluía “pretos” e “mulatos”.<sup>41</sup>

É interessante notar que Guedes não tinha o hábito de assinar os artigos que escrevia. De toda a coleção do *Progresso*, de junho de 1928 a agosto de 1932, foram localizados apenas oito artigos de sua autoria.<sup>42</sup> Isto não significa dizer que ele tenha exercido um papel decorativo na vida do periódico. Ao examinar o estilo dos editoriais, percebe-se que são de sua lavra.

Escrever aforismos – sentenças que em poucas palavras encerram um princípio doutrinário – foi um recurso retórico utilizado por Guedes no jornal. “O negro sempre é nobreza e dedicação”, escrevia.<sup>43</sup> Ter orgulho racial seria imprescindível para o negro vencer na vida. “Elementos para conduzir a luta de nossos objetivos não faltam; confiança neles é que precisamos ter”, ponderava.<sup>44</sup> Os negros deveriam, antes de tudo, ter autoestima, autoconfiança, fé e determinação nas suas próprias potencialidades. “Se os pretos quisessem, outra seria a sua situa-

<sup>41</sup> Butler, *Freedoms Given*, p. 128.

<sup>42</sup> “O espírito abolicionista de Uberaba”. *Progresso*, 28 de abril de 1929, p. 1; “Ilusão democrática norte-americana”. *Progresso*, 28 de julho de 1929, p. 1; “Padroeira do Brasil”. *Progresso*, 26 de setembro de 1929, p. 1; “Era muito cedo...”. *Progresso*, 24 de novembro de 1929, p. 4; “Então, qual a sorte dos negros?”. *Progresso*, 30 de novembro de 1930, p. 2; “Coronel João China”. *Progresso*, janeiro de 1931, p. 2; “A esponja do esquecimento”. *Progresso*, 31 de maio de 1931, p. 1; “Em novembro, lança-se a primeira pedra do monumento...”. *Progresso*, 20 de novembro de 1931, p. 1.

<sup>43</sup> *Progresso*, 31 de julho de 1930, p. 5.

<sup>44</sup> *Progresso*, 30 de novembro de 1930, p. 4.



ção na Terra de Cabral”, vaticinava.<sup>45</sup> Aqui, postulava-se, mais uma vez, que a resolução dos problemas dos “pretos” dependia unicamente de sua própria força de vontade, de sua capacidade de se esforçar para superar os desafios colocados à sua frente. Esses também deveriam ter amor à pátria e comungarem de um nacionalismo que beirava a xenoofobia: “Os negros que se orgulham de ser uma das razões da independência econômica do Brasil”, alertava Guedes, “poderiam orientar seu passos no sentido de fornecer diques à invasão estrangeira”.<sup>46</sup> Chegando a terra *brasilis* na condição de escravos, os negros teriam construído a riqueza nacional e assumido de corpo e alma a mãe pátria, tornando-se, assim, os mais autênticos brasileiros. Seus interesses se confundiam com os nacionais, daí a postura refratária à “invasão estrangeira”.

Para Guedes, a identidade racial estava intimamente relacionada à nacional. Seria necessário criar uma identidade de “negros brasileiros” e não de “negros estrangeiros”, descendentes de africanos. Estrangeiros eram os outros – os italianos, os espanhóis, os alemães, os eslavos, os árabes e os israelitas, que dominavam a paisagem étnica de São Paulo –, posto que o negro fosse genuinamente nacional.

A partir dos aforismos veiculados no jornal *Progresso*, verifica-se como Guedes se despia ideologicamente: “Precisamos combater a vadiagem, o vício, o analfabetismo e a irreligião, pois sem a base do sentimento moral e religioso, cimentado pelo trabalho, é impossível edificar a obra da emancipação moral do negro”.<sup>47</sup> Este aforismo talvez seja a síntese mais aproximada da política racial esposada por aquele afro-paulista. Seu projeto de reabilitação da população negra consistia em, por um lado, desviá-la dos “vícios da raça” (vadiagem, analfabetismo e desregramento) e, por outro, colocá-la no caminho do trabalho, da moral e da religião.

Para a viabilização do projeto, a educação cumpriria um papel de destaque. “O livro e a pena”, escrevia Guedes, “são o gládio que todo o negro deverá brandir para as lutas de sua emancipação moral”.<sup>48</sup> Em outro momento, ele diagnosticava: “Com o convívio dos livros prepare-

<sup>45</sup> *Progresso*, 31 de julho de 1930, p. 5.

<sup>46</sup> *Progresso*, 30 de novembro de 1930, p. 1.

<sup>47</sup> *Progresso*, 20 de agosto de 1930, p. 2.

<sup>48</sup> *Progresso*, 20 de agosto de 1930, p. 1.



mos as lutas de nossa emancipação moral para a grandeza do Brasil que ajudamos a construir”.<sup>49</sup> O livro, a escola e a educação formal eram sinônimos de cultura e, enquanto tal, “libertariam” o indivíduo do analfabetismo, da ignorância e do atraso, conferindo-lhe novas oportunidades na vida e, a um só tempo, qualificando-o para se inserir no mundo “moderno” e “civilizado”. Aliado à educação, importava o trabalho: “Não nos esqueçamos que a profissão é complemento essencial da educação”, advertia Guedes.<sup>50</sup> Em seguida reiterava: “à instrução e à educação juntemos a profissão que garante o meio de vida”. O trabalho disciplinava e enobrecia o homem, libertando-o da ociosidade, dos vícios e dos maus costumes,<sup>51</sup> além de lhe possibilitar a “independência econômica”.<sup>52</sup> A religião também era vista por Guedes como de fundamental importância, particularmente a cristã e de orientação católica. Seu aprendizado no catolicismo iniciou-se desde a tenra idade. Quando ainda morava na cidade de Socorro, colaborou com o *Juvenil*, periódico dos coroinhas da igreja matriz da cidade. Em São Paulo, continuou alinhado aos círculos católicos. No jornal *Progresso*, eram comuns pregações religiosas e textos de exaltação dos valores cristãos. Um deles foi escrito pelo próprio Guedes. Denominado “Padroeira do Brasil”, o conto narra a saga de um escravo que, graças à sua fé em Nossa Senhora Aparecida e muita oração, conquistou a sua liberdade num passe de mágica ou, como define o autor, “por milagre”, o “mais patriótico dos milagres”.<sup>53</sup> O conto encerrava uma mensagem simbólica de caráter racialista e nacionalista: Nossa Senhora Aparecida não era qualquer santa, mas uma santa negra e padroeira nacional. Assim, ela devia ser cultuada porque foi eleita protetora de todos, indistintamente, dos “negros” e dos brasileiros.

Se o trabalho fazia bem para o corpo e permitia a “independência

<sup>49</sup> *Progresso*, outubro de 1930, p. 5.

<sup>50</sup> *Progresso*, dezembro de 1930, p. 1.

<sup>51</sup> Em outro aforismo, Guedes assinalava: “O preto que se entrega à inércia, ao vício e à ociosidade, falta à expectativa dos que se sacrificaram para os libertar”. *Progresso*, 30 novembro de 1930, p. 3.

<sup>52</sup> A independência econômica foi tema de um dos aforismos de Guedes: “Os negros precisavam desde os primeiros tempos de liberdade compreender que, a fim de incrementar a obra da emancipação moral com a qual há muito sonhamos, deveriam antes de tudo tratar de sua independência econômica”. *Progresso*, 30 Nov. 1930, p. 4.

<sup>53</sup> *Progresso*, 26 setembro de 1929, p. 1.





econômica” do indivíduo, e a educação contribuía para o aprimoramento cultural, a religião alimentava o espírito. Conduzia o negro a levar uma vida regrada, fraternal, de fé, esperança, dedicada à família, à comunidade e em conformidade com a moral e os bons costumes. O fato é que Guedes buscava engendrar um projeto emancipatório no qual os seus “irmãos de cor” eram concitados a serem educados, laboriosos, competitivos, cristãos, bem sucedidos, sem, contudo, abandonarem a autoestima e o amor próprio. Seu projeto também era integrationista e desprovido de qualquer ímpeto separatista. Em sua opinião, o negro deveria esforçar-se ao máximo para aproveitar os canais disponíveis de promoção individual e inserir-se na ordem instituída, o que significava recusar o projeto dos afro-norte-americanos no que tange a se organizarem em instituições paralelas à sociedade dominante.

### **Esgrimindo com raça**

Devido aos seus posicionamentos político-ideológicos, Guedes entrou em divergência com algumas das principais lideranças negras do período. Em 8 março de 1929, o grupo aglutinado em torno do jornal *O Clarim da Alvorada* organizou uma assembleia – com a presença de 16 representantes de associações negras – e lançou o movimento em prol da realização do Primeiro Congresso da Mocidade Negra do Brasil, a fim de reunir todas as “pessoas de cor” e fazer estudos de caráter “especulativo ou prático”, para resolução dos problemas específicos enfrentados pelo negro.<sup>54</sup> José Correia Leite – um dos fundadores d’*O Clarim da Alvorada* – relata que Guedes divergiu de seu grupo e não aderiu ao Congresso da Mocidade Negra. Tal postura gerou incompatibilidades, até que Argentino Celso Wanderlei – fundador do Cordão Carnavalesco Campos Elíseos – teve a ideia de erigir uma herma a Luiz Gama (1830-1882) em praça pública, no centenário de nascimento do abolicionista negro, e convidou Guedes para fazer parte da comissão responsável por essa empreitada. Este aceitou a ideia, desde que fosse o mentor da comissão e de que não se aceitasse a contribuição do grupo

<sup>54</sup> *O Clarim da Alvorada*, 09 de junho de 1929, p. 1.



do jornal *O Clarim da Alvorada*. Correia Leite assevera que os membros da comissão não quiseram falar com o seu grupo, por isso o próprio Guedes teria ido à redação do jornal e dito para este ficar com a ideia do Congresso da Mocidade Negra e eles começariam a mobilização a favor da herma do Luiz Gama.<sup>55</sup>

Trata-se de um relato memorialístico e – assim como outros tipos de fonte histórica – precisa ser problematizado, por vários motivos. Primeiro, quando o movimento em prol do Congresso da Mocidade Negra foi lançado (1929), o jornal *Progresso* já havia sido criado (1928);<sup>56</sup> segundo, em nenhum instante este jornal se opôs à realização daquele conclave, nem fez crítica ao grupo de *O Clarim da Alvorada*, pelo contrário, em suas páginas encontram-se palavras de incentivo ao Congresso da Mocidade Negra e homenagens aos seus parceiros de imprensa negra.<sup>57</sup> Terceiro, a campanha pela edificação da herma a Luiz Gama só foi desfraldada pelo *Progresso* em setembro de 1929, quando

<sup>55</sup> José Correia Leite, ...E Disse o Velho Militante José Correia Leite: Depoimentos e Artigos, org. Cuti, (São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992, ) p. 86. Nota confusa. Veja outras notas que tem livros organizados como a 17, por exemplo

<sup>56</sup> Reiterando: o jornal *Progresso* já tinha sido lançado, há meses, quando fez pela primeira vez alusão ao Congresso da Mocidade Negra, em março de 1929. Mas o que cabe destacar aqui é o tom elogioso do jornal à iniciativa do conclave: “Os nossos colegas de *O Clarim d’Alvorada* vão levar a efeito, nesta capital, o Primeiro Congresso da Mocidade Negra. Só encômios merece esse gesto louvável, por todos os títulos”. *Progresso*, 24 de março de 1929, p. 4.

<sup>57</sup> Vale registrar um dos gestos de deferência do jornal *Progresso* a Correia Leite e de respeito à realização do Congresso da Mocidade Negra: “O redator-principal do *Clarim d’Alvorada* sabe impor-se à estima e consideração de seus pares por um conjunto de qualidades que lhe asseguram um elevado conceito no meio em que vive. Possuindo uma inteligência de escol, José Correia Leite constitui uma individualidade de exceção, principalmente numa época como a nossa em que as aptidões intelectuais nem sempre têm um rumo seguro, e os princípios morais são relegados para plano inferior... [...] Agora, o José está empenhado na execução do Primeiro Congresso da Mocidade Negra do Brasil. Da luta, cremos, que ele sairá vencedor”. *Progresso*, 23 de junho de 1929, p. 4. Pelo menos, em mais dois artigos o *Progresso* apoiava publicamente a realização do Congresso da Mocidade Negra e, quando a idéia do conclave naufragou, solidarizou-se com seus companheiros: “Os nossos colegas de *O Clarim d’Alvorada*, dando cumprimento ao programa a que se propuseram, levantaram a idéia da realização em S. Paulo do Primeiro Congresso da Mocidade Negra do Brasil. Um certame desta natureza não se faz dos pés pra mão, da noite para o dia. Daí a causa porque os representantes do legítimo órgão da mocidade brasileira esperam melhores dias para que, numa magna assembléia, possa uma raça depois de quarenta anos de liberdade assentar as bases de seu viver no país livre onde nasceram... [...] Hipoteca[mos] nossa inteira solidariedade ao *Clarim d’Alvorada*”. *Progresso*, 31 de janeiro. 1930, p. 2.





o jornal já havia sido fundado há mais de um ano. Portanto, é pouco provável que o relato de Correia Leite tenha fundamento, ou seja, que o jornal *Progresso* tenha sido criado, exclusivamente, para levar a cabo a campanha a favor da herma a Luiz Gama, bem como não parece que sua fundação tenha sido determinada pela rivalidade com o grupo de *O Clarim da Alvorada*.

Não se pode negar que havia divergências entre os dois grupos, com efeito, tais divergências só vieram à tona depois e não antes da aparição do *Progresso*. Ademais, Guedes tinha como principal desafeto Vicente Ferreira – o “tribuno popular” – e não o conjunto das lideranças negras que giravam na órbita de *O Clarim da Alvorada*. O primeiro *round* dessa contenda teve como pivô o Centro Cívico Palmares. No início de 1929, o jornal *Progresso* noticiou o fechamento dessa associação negra, mas Vicente Ferreira – uma de suas lideranças – escreveu uma nota no *São Paulo Jornal* negando tudo. Foi a gota d’água para Lino Guedes publicar no *Progresso*, em abril de 1929, um artigo tempestivo contra Ferreira:

[...] o indivíduo que trás esse nome [Vicente Ferreira] é analfabeto. Por escrito, não liga duas palavras. E diz-se professor. De malandragem, não duvidamos. De há muito, o meetingueiro da favela não nos vê com bons olhos. Tivemos a coragem de, em plena sessão do [Centro Cívico] Palmares de mister Gittens, lhe dizer duras verdades. Verdades ninguém gosta de ouvir. Daí o desabafo do ‘pai de santo’.

As diatribes de Guedes, contudo, não pararam por aí. Ele também dava sua versão para o passado de Ferreira:

No Rio era frequentador dos xadrezes, por fazer [?] discursos contra os poderes constituídos. Em São Paulo seguiu outro atalho. Mudou de disco. Quebrando espinhas, todo mesuras, não perde ocasião para incensar tudo quanto cheira a governo. É um camaleão. O Dr. Chefe de Polícia não deve perdê-lo de vistas.

Guedes perdia muito de sua elegância quando intitulava o seu artigo de “Vagabundo” – uma alusão óbvia a Vicente Ferreira – ou quando ironizava: “Estamos gastando muito espaço com o perseguidor de mulheres no Piques”. No entanto, os ataques mais sérios contra o



“tribuno popular” foram os de que este vivia da “babugem das mesas paulistanas” e teria não só sentido “gáudio” com a corrupção no Centro Cívico Palmares, como ainda se aproveitado da situação.<sup>58</sup>

Em que pese o estilo deselegante (e virulento), Guedes tinha razão em alguns aspectos referentes à trajetória de Vicente Ferreira. Procedente do Rio de Janeiro, apareceu em São Paulo por ocasião da morte do governador Carlos de Campos, em 1927. No início, provocou polêmicas com *O Clarim da Alvorada*, que considerava a sua retórica racial muito agressiva. Tempos depois, tornou-se uma das principais lideranças do movimento associativo dos “homens de cor”. Consta que Ferreira era uma figura *sui generis*: dizia ser jornalista, professor, com livros publicados, mas logo se descobriu que a realidade era outra. Semianalfabeto (lia e não sabia escrever), desleixado na maneira de vestir, barba mal tratada, chapéu roto na cabeça, não tinha emprego nem residência fixos. Vivia do auxílio dos amigos (negros e brancos), alguns dos quais eram intelectuais e políticos. Coerência também não era o seu forte. Se no Rio de Janeiro teria assumido posições políticas contestatórias – sendo até preso por isso –, em São Paulo passou a apoiar o Partido Republicano Paulista (PRP), o tradicional reduto das oligarquias conservadoras e dos antigos senhores de escravos. Apesar dessas ambivalências, tinha boas noções sobre a África e o seu legado religioso, era um exímio agitador político, engenhoso articulador de alianças e negociações e dotado de uma oratória invejável (daí o epíteto “tribuno popular”), de modo que seus discursos em defesa dos negros e de protesto contra o “preconceito de cor” contagiavam a todos. Por exemplo, ao palestrar nos “magníficos festejos” realizados pelo Centro Cívico Palmares, em 13 de maio de 1928, arrancou “lágrimas nos olhos” de pessoas da assistência.<sup>59</sup>

Quando Guedes conheceu Vicente Ferreira, ficou impressionado com a desenvoltura dele. José Correia Leite registra que Guedes quis até convidá-lo para escrever o prefácio de um de seus livros, não obstante, quando descobriu a verdadeira identidade dele, desistiu do convite e passou a tê-lo como desafeto.<sup>60</sup> Porém essa não foi a questão central.

<sup>58</sup> *Progresso*, 28 de abril de 1929, p. 2.

<sup>59</sup> *Progresso*, 23 de junho de 1928, p. 3.

<sup>60</sup> Leite, ...E Disse o Velho Militante, p. 61.



As divergências de Guedes com Ferreira derivavam-se, principalmente, dos embates travados no interior do movimento associativo dos “homens de cor”. Depois de certo período militando no Centro Cívico Palmares, Ferreira se articulou e apoiou o grupo de Joe Foyes Gittens, um inglês radicado em São Paulo e o último presidente da associação. Como Guedes passou a fazer oposição a Gittens, automaticamente afastou-se de Ferreira. Para agravar a situação, houve ainda um episódio em que o jornalista negro teria dito “duras verdades” ao “tribuno popular” em plena sessão do C. C. Palmares, e “verdades ninguém gosta de ouvir”.<sup>61</sup>

Mesmo sendo famoso pelos seus gestos de exaltação nos discursos públicos, Ferreira não se pronunciou quanto às acusações e às ofensas de Guedes. Este, por sua vez, parece que não ficou satisfeito e voltou a atacá-lo, ao menos em mais três artigos do jornal *Progresso*,<sup>62</sup> porém foi o último, de agosto de 1930, que teve maior repercussão e pode ser considerado o segundo (e último) *round* da contenda:

*O ex-batalhador escritor negro com muitas obras publicadas*, soubemos que chegara há pouco nesta terra natal. Não passa, portanto, de ave de arriabação. Pardal entre canários. Era natural que esse calabar da Raça Negra aparecesse em S. Paulo, donde sempre parte o grito de todas as idéias aproveitáveis.

Assunto, em prosa e verso, para celebrizar-se não lhe faltaria: o piques com a sua ronda macabra; o espetáculo das entradas de circos; os pegas nos salões, a trincheira negra aos domingos na rua Quintino Bocaiúva [...].<sup>63</sup>

Eis algumas das ironias (e ofensas) utilizadas por Guedes para desqualificar Vicente Ferreira: “ex-batalhador escritor negro”, “ave de arriabação”, “pardal entre canários”, “calabar da raça negra” (isto é, traidor da “raça negra”), tendo em vista que Domingues Fernandes Calabar, um personagem histórico do período colonial, ficou famoso por ter traído os portugueses nas batalhas contra os “invasores” holandeses no século XVII). Será que Guedes perdeu a noção de com quem se estava

<sup>61</sup> *Progresso*, 28 de abril de 1929, p. 2.

<sup>62</sup> “Cuspindo para o ar”. *Progresso*, 31 de janeiro de 1930, p. 2; “Figueira redentora”. *Progresso*, 15 de fevereiro de 1930, p. 3; “A fábula se repete”. *Progresso*, 20 de agosto de 1930, p. 4.

<sup>63</sup> *Progresso*, 20 de agosto de 1930, p. 4.



engalfinhando? Em outros termos, será que ele esqueceu que Ferreira era uma das principais lideranças do movimento associativo dos “homens de cor”? Diante de tantas ofensas ao “tribuno popular” e mesmo de uma alfinetada no grupo do jornal *O Clarim da Alvorada*, alguns ativistas afro-paulistas resolveram se posicionar. Um deles foi Luis de Sousa, que escreveu um artigo cujo título (“Ladram os cães e a caravana passa...”) já era uma provocação a Guedes. “A caravana passa porque os latidos dos cães não a amedronta, não a intimida”, escrevia Sousa. “Lastimo a inferioridade dos cães e dos rafeiros raquíticos e pequeninos, que só ladram as escuras, acobertados, por instinto ou por simples prazer de ladrar”, continuava. Respondendo diretamente às ofensas feitas por Guedes ao grupo do qual fazia parte, Sousa finalizava seu artigo com as seguintes palavras:

Caterva é bando, grupo de malfeiteiros, espécie de capangagem [...]. Será que um jornal como *O Clarim d'Alvorada* seja isso? Portanto, o sr. Lino Guedes mostrou-se um pouco fraco, infeliz, em conhecimentos da nossa língua quando qualifica um grupo de sonhadores como “Caterva”.<sup>64</sup>

Antigo amigo de Guedes, Gervásio de Moraes também se pronunciou e tomou partido na contenda, escrevendo um artigo extremamente agressivo contra o editor do jornal *O Progresso*. Lembrava que no jornal *Getulino*, de Campinas, este já tinha “pretensão de cabotino por princípio”, combatendo os “velhos negros de então” e intitulando-se “orientador da mocidade negra de Campinas”. Ambos, portanto, se conheciam desde aquela época e eram parceiros de militância, mas só a partir daquele instante, 1930, um teve pleno discernimento das “incoerências” do outro. Sentindo-se ofendido, caluniado e enxovalhado pelo que Guedes andara dizendo sobre ele no “meio negro”, Moraes o desafiava:

Para mim, é um compromisso de honra, e eu te convido para uma batalha decisiva de homem para homem. Quero, exijo, de tudo quanto tenho suportado em silêncio uma satisfação jornalística, em qualquer terreno, mesmo porque a sociedade tem pedido explicação do acarretamento de

<sup>64</sup> *O Clarim da Alvorada*, 23 de agosto de 1930, p. 3.





responsabilidade moral que tu e mais alguém têm acumulado sobre o nome da minha família, pondo em xeque a reputação de duas minhas primas. [...] Venha Editor, frete a frente, sem recursos miseráveis de vinganças torpes, de baixesas particulares, as quais não temo, mas como elemento da grande imprensa que diz ser – pobre instrumento enferrujado pela atmosfera bruta das revisões – venha se quiser, que daqui da caterva, dar-te-ei a lição merecida.<sup>65</sup>

Parece que Guedes andou divulgando algumas inverdades sobre a vida pessoal e familiar de Gervásio de Moraes, além de tê-lo acusado de fazer parte da “caterva”. Termo utilizado com conotação depreciativa, “caterva” era uma alusão ao grupo ligado a Vicente Ferreira e congregado em torno do jornal *O Clarim da Alvorada*. Como Moraes sentiu-se bastante ofendido, decidiu então desafiar seu parceiro, do período de militância de Campinas, a um duelo de rua. Ao que consta, Guedes não aceitou o desafio.<sup>66</sup> Se este conseguiu evitar a “batalha decisiva de homem para homem”, não conseguiu evitar que o carioca Vicente Ferreira, seu principal desafeto naquele instante, respondesse às suas acusações. Em longo artigo publicado n’*O Clarim da Alvorada* e su-

<sup>65</sup> *O Clarim da Alvorada*, 23 de agosto de 1930, p. 2. Em Campinas, Gervásio de Moraes era redator assistente de Lino Guedes no jornal *Getulino*, onde colaborou por meio de artigos e poemas de sua autoria. Transferiu-se para São Paulo, em 1926, e cerrou fileiras no Centro Cívico Palmares, onde se destacou como grande orador. Continuou colaborando com outros jornais, especialmente com *O Clarim da Alvorada*, e produzindo sua poesia, até publicar *Malungo*, um livro de contos cuja segunda edição é de 1943. Conforme se depreende de uma pequena homenagem prestada a ele pelo jornal *Alvorada*, faleceu em 13 de janeiro de 1945. Ver “Gervásio de Moraes”. *Alvorada*, janeiro de 1946, p. 1.

<sup>66</sup> De fato, Guedes não aceitou o desafio de Gervásio de Moraes, mas tudo indica que, como forma de retaliação, publicou, no jornal *Progresso*, uma carta de Levy A. Santos em que denunciava Moraes de ter- se apropriado de quarenta mil réis da Casa Amarante e de um “pequeno estoque de mercadoria” de sua propriedade. Levy Santos anexava uma carta escrita supostamente por Moraes e endereçada a ele, na qual prometia “nesses dias da semana próxima regularizar essa situação e então imediatamente lhe procurarei para a liquidação da quantia e das mercadorias em meu poder”. Como depois de um mês a situação não tinha sido resolvida, Levy Santos o ameaçava: “Sendo hoje o último do ano, e eu até agora sem mínima de satisfação, convidou, portanto, sr. Gervásio de Moraes, dentro do prazo de 8 (oito dias) vir liquidar a sua conta, caso contrário procederei, como já o avisei”. Não foi por acaso que esta querela, envolvendo Gervásio de Moraes, veio parar nas páginas do jornal *Progresso*. Com a publicação da carta denúncia, Guedes provavelmente quis colocar a honestidade (e idoneidade) de seu antigo companheiro sob suspeita. *Progresso*, dezembro de 1930, p. 6. O que está em parêntesis é original do texto? Se não deve vir entre [ ]



gestivamente intitulado “Sou filho da caterva”, Ferreira repassava sua “abnegada” vida de militância, desde o momento em que pisou nas terras de Piratininga, em 1927, assumia sua origem humilde e declarava sua indignação diante daquela situação:

Não pensava eu que, depois de tanta amargura e tantas demonstrações materializadas em coragem e em tranqüilidade de quem, traz aceso um ideal de fé, a um juramento secreto velando o túmulo da minha mãe, inspiradora de meus combates, que pudesse eu cair debaixo do mais lombudo estilete de um escritor, que é tão desalinhado anatomicamente, como na sua literatura gaga [...].

Sou filho da caterva!

Caterva guerreira, soldado da enxada, do machado, da foice, que desbravou o Brasil! Sou filho da caterva desta raça, onde brotou o lírio branco e estranho de Cruz e Souza. Sou filho de caterva que deu Marcílio Dias. Sou filho de caterva que deu Aleijadinho, fazendo os frutes das igrejas coloniais de Minas. Sou filho da caterva que deu a Mãe Preta. Sou filho da caterva que produziu Dias Júnior, o grande pintor, mas tenho o meu peito e minha alma como um altar florido pelas sombras dos negros que fizeram a república dos Palmares! A’lo de sonho e de angústia.

Essa é a apresentação ligeira que eu faço, depois de três anos de convivência dentro de São Paulo, com a minha raça, ao sr. Lino Guedes. É o escritor da prometida obra que não veio, a Ressurreição Negra, me traga as suas credenciais em lutas abertas, porque lutar na saburra é função dos vermes, dentro das catacumbas, a deglutar cadáveres. Nunca me envergonhei a procedência da minha humildade, nasci dentro da senzala, e meu berço foi embalado com a música triste da agonia dos escravos, mas, o sr. Lino Guedes, que um refratário à comunhão de sua raça, nunca é presente na hora de combate.<sup>67</sup>

Vicente Ferreira fazia juramento de fé à causa que abraçara, mas sem deixar de caçoar do biótipo de Lino Guedes: baixo e frouxinho. Assumia a sua origem humilde (“Sou filho da caterva!”), de construtor da nação, e a relacionava orgulhosamente à origem dos afro-brasileiros ilustres (Cruz e Souza, Marcílio Dias, Aleijadinho, Dias Júnior), ao símbolo da “população de cor” bastante em voga, a “Mãe Preta”, e ao

<sup>67</sup> *O Clarim da Alvorada*, 23 de agosto de 1930, p. 4.



exemplo dos “negros que fizeram a república dos Palmares!”. Em seguida, Ferreira lançava um desafio a Guedes (“me traga a suas credencias de lutas abertas”), e o criticava pelo estilo de militância. Se o primeiro era considerado *hard*, um agitador contumaz, líder de passeatas, romarias, especialista em discursos públicos polêmicos e famoso pela combatividade, o segundo era tido como *light*, não costumava participar das atividades políticas de rua, provavelmente para não se expor (e ser estigmatizado), nem se indispor com a “fina flor” da sociedade.

Quando o “tribuno popular” afirmava que Guedes era “o escritor da prometida obra que não veio, *Ressurreição Negra*”, muito provavelmente estava-se referindo ao livro que este prometeu dar para aquele prefaciado, logo após a sua aparição meteórica em São Paulo em 1927. Mas, como lembra Correia Leite, quando Guedes “descobriu que o Vicente Ferreira não era professor de coisa nenhuma, nem um negro importante, endinheirado, aí ele não deu mais importância, não o procurou mais”<sup>68</sup>

Cumpre frisar que o jornalista afro-brasileiro também teve uma origem humilde, entremes, como foi “apadrinhado” por uma família abastada, usufruiu de oportunidades na vida distantes da realidade de seus “irmãos de cor”. Isto foi determinante para ele ter tido uma educação refinada e adquirido hábitos seletivos, posturas decorosas e certa falta de humildade. Leite chegou a defini-lo como um “negro isolado, desses que queria fazer as coisas sozinho”<sup>69</sup>. É provável que o fundador d’*O Clarim da Alvorada* tenha carregado na tinta, mas não é exagero afirmar que Guedes se sentia um negro polido, diferenciado e não abria mão de ostentar os símbolos de distinção.

Desprezava Vicente Ferreira devido aos embates homéricos travados no interior do movimento associativo dos “homens de cor”. Mas não era só isso. Seu desprezo originava-se também do fato de o “tribuno popular” personificar a negação dos valores e do estilo de vida que tanto prezava, fundado na ética puritana (ascetismo, ideologia do trabalho, boas maneiras), na família e na valorização da educação e da religião católica. Ferreira não tinha emprego – subsistia graças à ajuda de ami-

<sup>68</sup> Leite, ...*E Disse o Velho Militante*, p. 71.

<sup>69</sup> Leite, ...*E Disse o Velho Militante*, p. 82.



gos – nem família organizada; levava uma vida pouco regrada, era conhecedor da religiosidade afro-brasileira e, longe de ser professor, era um semianalfabeto, por isso Guedes se sentiu enganado, traído, ludibriado por ele, e o considerava uma falácia, um oportunista, demagogo, charlatão, enfim, uma referência negativa.

Ironias do destino. Quando o jornalista negro transferiu-se de Campinas para São Paulo, em 1926, era respeitado e, dada à sua vocação poética, foi objeto de elogios e homenagens por parte de lideranças afro-paulistas e do jornal *O Clarim da Alvorada*.<sup>70</sup> Depois, tornou-se uma pessoa *non grata* por uma parte do movimento associativo da “classe dos homens cor”.

Simultaneamente à carreira profissional e ao engajamento político, Guedes se dedicou ao mundo da literatura. Escreveu poesia, conto, romance, ensaio, peça teatral, porém, sua maior paixão em termos de gênero literário foi a poesia. À medida que desenvolveu sua verve e traduziu seus desejos, sonhos e dilemas, suas expectativas, alegrias e frustrações em representação simbólica, notabilizou-se por escrever o que foi denominado de literatura negra – uma literatura produzida por afro-brasileiros e voltada para tratar de suas questões.

Segundo o prefaciador de sua obra *O canto do cisne preto* (1927), ele escreveu o “primeiro livro intrinsecamente getulino no Brasil”, ou

<sup>70</sup> Em 1928, o jornal *O Clarim da Alvorada* – sob a redatoria de José Correia Leite e a gerência de Luís de Souza –, resolveu publicar uma edição especial para lançar a ideia do “Dia da Mãe Preta”. Como Correia Leite não dispunha de grandes experiências jornalísticas, procurou Lino Guedes, que lhe deu total apoio na empreitada. A edição especial foi publicada com êxito em setembro daquele ano e, como forma de gratidão, o jornal prestou uma homenagem ao Laly: “Pois bem, agora temos que dizer aos pretos de S. Paulo, que, Lino Guedes, esse nome tão festejado e admirado por todos quantos têm a felicidade de o conhecer de perto, esteve ao nosso lado desde os primeiros instantes em que se iniciou essa nossa justa pretensão, até agora, e, a ele devemos grande parte da nossa vitória que, é a vitória da mocidade negra que Lino Guedes tem sabido honrar, por ser um moço de raros predicados, não é um amigo vulgar, respeitamo-lo pelo seu valor; – como jornalista, escritor ou poeta, Lino Guedes é o orgulho da nossa geração. Não pretendemos fazer propaganda do nome do simpático ‘Laly’ ao pioneiro da nossa literatura, queremos simplesmente prestar esta modesta homenagem, pelo muito que tem feito e pretende fazer em prol da nossa gente e das nossas causas”. *O Clarim da Alvorada*, 21 de outubro de 1928, p. 1. Sobre a campanha pela edificação do monumento à “Mãe Preta”, ver Micol Siegel, “Mães pretas, filhos cidadãos,” in Flávio dos Santos Gomes e Olívia Maria Gomes da Cunha (orgs.), *Quase-Cidadão: Histórias e Antropologias da Pós-Emancipação no Brasil*, (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007), pp. 315-46.





seja, um livro de poesias francamente afro-brasileiras e não apenas um mimetismo da literatura dos brancos.<sup>71</sup> Essa opinião é parcialmente compartilhada por David Brookshaw, para quem “Lino Guedes foi o primeiro poeta negro do Brasil a experimentar e expressar conscientemente a alma de seu povo”.<sup>72</sup>

Suas primeiras poesias foram publicadas nos jornais da imprensa negra em Campinas, quando utilizava Laly como pseudônimo literário. Em 1924, publicou o livro *Luiz Gama e sua individualidade*, como forma de render, mais uma vez, tributo ao seu maior ídolo. Três anos depois, deu-se o lançamento de *Black*, seu primeiro livro de poesia. Guedes publicou mais de dez obras (como *O canto do cisne preto*, 1927; *Ressurreição negra*, 1928; *Negro preto cor da noite*, 1932; *Urucungo*, 1936; *Suncristo*, 1951), sempre tematizando direta ou indiretamente a questão racial.

Depois da sua experiência no jornal *Progresso*, o “acatado homem de letras”<sup>73</sup> não mais se engajou nos movimentos sociais de protesto negro – por exemplo, Guedes sequer filiou-se à Frente Negra Brasileira, organização que, entre 1931 e 1937, mobilizou milhares de afro-brasileiros de São Paulo e de outros lugares do País – e pouco protagonizou debates públicos sobre a questão racial. Isto não significa dizer que ele ficou completamente alheio ao que acontecia no “mundo negro”. Eventualmente, participava de um ou outro evento solene relacionado à temática, como foi o caso das comemorações do cinquentenário da Abolição em 1938. Realizado no imponente Teatro Municipal de São Paulo, no dia 13 de maio daquele ano, o evento foi bastante concorrido e reuniu uma plateia multicolorida, contando com a presença de Justiniano Costa (o último presidente da Frente Negra Brasileira), José Correia

<sup>71</sup> Apud Lino Guedes, *O canto do cisne preto*, São Paulo: Tip. Áurea, 1927.

<sup>72</sup> David Brookshaw, *Raça e Cor na Literatura Brasileira*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 177. Oswaldo de Camargo vai mais longe na avaliação do conjunto da obra de Lino Guedes, postulando que, a partir da publicação do seu livro *Canto do Cisne Preto* (1927), ele se tornou o iniciador da “negritude” no Brasil. Oswaldo de Camargo, *O Negro Escrito*, São Paulo: Imprensa Oficial, 1987, p. 75. Trata-se de uma avaliação hiperbolizada (e anacrônica), tendo em vista que as ideias do movimento da negritude francófona só chegaram ao Brasil no final da década de 1940 e, principalmente, na década de 1950.

<sup>73</sup> *Progresso*, 28 de julho de 1929, p. 4.





Leite, Jorge Amado, Oswald de Andrade, Rossini Camargo Guarnieri, Arthur Ramos, Mário de Andrade. Guedes foi um dos oradores da noite, ao lado de Fernando Góis e Couto Magalhães, um poeta também negro. Depois que terminaram os discursos, houve uma parte artística.<sup>74</sup>

Nessa fase, Guedes passou a se dedicar mais à sua produção literária, escrevendo poesias, contos e até mesmo peças teatrais. Na década de 1940, continuou afastado dos movimentos de protesto político, embora tenha colaborado com o jornal da imprensa negra *O Novo Horizonte*,<sup>75</sup> e não tenha deixado de ficar em sintonia com aqueles setores afro-brasileiros mais inclinados aos espaços de sociabilidade, cultura e lazer. Do Elite, clube de bailes e reuniões sociais da comunidade afro-paulistana,<sup>76</sup> foi sócio atuante, frequentador contumaz e diretor. Conhecido por ser um lugar de pessoas educadas e elegantes, o Elite notabilizou-se pela defesa da moral puritana e dos bons costumes. A finalidade precípua do clube era afastar de seus associados os estereótipos negativos que eram atribuídos aos negros em geral. Nos seus bailes, os homens compareciam usando ternos e as mulheres, vestidos, preferencialmente com chapéus. Dançavam ao som de animadas orquestras. Lino Guedes faleceu subitamente em São Paulo, no dia 4 de março de 1951, deixando viúva, dona Felícia Assis Guedes, e uma filha, Hendi Guedes Queiroz

### Rompendo com os estereótipos

Se a Abolição e a República suprimiram os dispositivos institucionais para que os afro-brasileiros experimentassem a condição de cidadãos, chegou a hora de saber como eles a viveram concretamente e enfrentaram seus limites. Já não se admite ser etnocêntrico o suficiente para

<sup>74</sup> Leite, ...E Disse o Velho Militante, p. 137.

<sup>75</sup> *O Novo Horizonte*, maio de 1948, p. 2.

<sup>76</sup> O clube Elite é uma continuação ou foi inspirado pelo Grêmio Elite da Liberdade, procedente da década de 1920. Recorda Pedro P. Barbosa tratar-se “de um grupo fechado, andavam sempre bem trajados, promoviam bailes, piqueniques e viagens. Seu diretor, Alfredo E. da Silva, era funcionário público da Secretaria da Fazenda do Estado. Para filiar-se ao grupo, era necessário provar que era casado, chefe de família, com situação econômica estável”. Cf. Miriam Nicolau Ferrara, *A imprensa Negra Paulista, 1915-1963*, São Paulo: Editora da FFLCH-USP, 1986, p. 60. Não seria editora da USP?



sustentar que a população negra (especialmente os antigos escravos e seus descendentes) tinha um “reduzido desenvolvimento mental”, todavia também não basta dizer que ela vivia num estado de profunda desigualdade em relação à população branca (particularmente ex-senhores). São necessárias pesquisas para desvendar novos – e reinterpretar os antigos – personagens, episódios, grupos, contextos e movimentos. Este artigo é apenas um despretensioso esboço da trajetória de vida de um afro-brasileiro no pós-abolição. Evidentemente, a partir de um único exemplo não é possível chegar a uma verdade absoluta sobre o assunto, mas, em história, não existem verdades absolutas.

De uma família egressa do cativeiro a uma posição de intelectual negro da grande imprensa paulistana, eis a considerável *performance* de Lino Guedes. Com a ajuda de um “coronel”, escolarizou-se, arrumou emprego, parece que retirou a família do estado de penúria em que vivia, atuou em importantes jornais, publicou livros e adquiriu uma posição de prestígio social. É, não deve ter sido nada fácil para esse negro retinto, baixo e franzino, de olhar esguio, em plena era do racismo científico e das teorias do branqueamento, sair da pacata cidade de Socorro, para incursionar na conquista de Campinas e, depois, de São Paulo, o mais promissor centro cosmopolita do país. Até lá, ele jogou com as cartas que tinha na mão e procurou retirar do sistema muito mais do que ele oferecia.

Fez carreira na grande imprensa, trabalhando em vários jornais de Campinas (no *Diário do Povo*, *Correio de Campinas*, *Correio Popular*) e, posteriormente, de São Paulo (no *Jornal do Comércio*, *O Combate*, *A Razão*, *Correio Paulistano* e *Diário de São Paulo*, de onde não saiu mais até o seu passamento). Suas várias mudanças de emprego sinalizam como não lhe faltava oportunidade de trabalho e, mormente, como jamais se acomodou, antes labutou por fazer uma carreira profissional de sucesso. Só assim foi possível conquistar a tão sonhada mobilidade social, situação que lhe permitiu oferecer um melhor padrão de vida para sua família.

Já do ponto de vista racial, Guedes preconizou um projeto integracionista e batalhou pelo soerguimento moral, social e educacional da “população de cor”. Sua principal frente de militância política foi a im-



prensa negra, tendo sido fundador de três jornais do gênero (*A União*, *Getulino* e *Progresso*), além de ter contribuído como articulista de outros, como *O Clarim d'Alvorada*. O jornal *Progresso* procurou informar os afro-paulistas da existência de uma perspectiva transnacional, e mesmo transatlântica, de luta contra o “preconceito de cor”. Nesse sentido, é plausível supor que seus editores plantaram as sementes da compreensão de que os povos africanos e da diáspora, a despeito de diferentes experiências históricas, tinham interesses comuns. O jornal não foi simplesmente um muro das lamentações do preconceito, mas uma tribuna aberta de diálogo com a sociedade e as representações raciais que nela circulavam, sendo reproduzidas, reelaboradas ou reescritas. Por esse motivo, além de sua dimensão de protesto, o discurso do jornal deve também ser lido como um instrumento de conscientização. Em suas páginas, Guedes insistiu na retórica racialista, de ascensão social e progresso econômico da população negra. Cristão devocional, tinha uma preocupação “missionária”: falava de pátria, religião, moral, bom comportamento, educação e autoestima.

Deve-se ressaltar que a combinação de nacionalismo, de orgulho negro e de respeito aos valores puritanos – a partir dos eixos temáticos Deus, pátria, família, moral, educação e trabalho – imprimiu a tônica de seu discurso não só no jornal *Progresso*, como ainda em outras instâncias de atuação. Na concepção de Guedes, o triunfo do negro dependia, sobretudo, de suas próprias forças, da sua capacidade de se empenhar para superar os obstáculos colocados à sua frente e de se afastar dos vícios herdados do passado escravista através da adoção de um comportamento virtuoso.

A militância desse jornalista foi exercida no interior de uma sociedade permeada por discursos racistas, os quais construíam representações negativas do negro e naturalizavam as diferenças. Como membro dessa sociedade, Guedes não ficou imune a esse repertório discursivo, portanto é por meio das categorias forjadas naquele contexto que ele envergou seu projeto de emancipação do negro.

Devido aos seus posicionamentos político-ideológicos, entrou em dissonância com algumas das principais lideranças negras paulistas. Fora acusado de ser individualista, cabotino, personalista e ter uma postura



elitista, em descompasso com os anseios da maior parte da população negra. O fato é que se, na época de sua chegada à capital paulista, Guedes foi elogiado e acolhido de braços abertos, tempos depois passou a ser criticado, o que o fez perder espaço no movimento associativo da “classe dos homens de cor”. A partir dos conflitos políticos nos quais este afro-brasileiro esteve envolvido, apurou-se que os movimentos sociais negros são regidos por tensões, tramas, agenciamentos e equilíbrios delicados, decorrentes da atuação de forças ideológicas plurais, que ora são exasperadas, abortadas ou ocultadas.

O percurso de Guedes foi visto como resultado de ininterruptas tentativas, escolhas, estratégias, tomadas de decisões, negociações, diante de um contexto que, embora desfavorável, ofereceu possibilidades de interpretações e liberdades.<sup>77</sup> Por mais estreita que possa parecer, a liberdade lhe foi garantida pelas franjas e pelas contradições do sistema que o governava. Suas ações, portanto, foram possíveis graças às lacunas e aos espaços deixados em aberto pelo modelo racial brasileiro.

De toda sorte, não se tem dúvida de que ele rompe com alguns dos estereótipos associados ao negro nas primeiras décadas da pós-Abolição. Sua trajetória revela como havia indivíduos desse segmento populacional que não eram xucros, alienados ou ocuparam apenas cargos e posições subalternas. Sem abdicar de sua consciência racial, Guedes foi capaz de fazer uma carreira fulgurante no jornalismo, levar uma vida socialmente emergente (fazendo parte da “elite de cor”); lançar-se como escritor (circulando nos ambientes de cultura erudita) e procurar cumprir um papel proativo no destino nacional. Longe da imagem de passividade e desajustamento, seu exemplo sinaliza como os afrodescendentes em diáspora no Brasil foram batalhadores, dinâmicos, articulados, apropriando-se seletivamente dos códigos da “civilização” e da “modernidade”. Se nascidos no Brasil, não são de diáspora

*Texto recebido em 18/03/2010 e aprovado em 25/11/2010*

<sup>77</sup> Giovanni Levi, “Sobre a Micro-história,” in Peter Burke (org.), *A escrita da história: novas perspectivas*, (São Paulo: Editora da UNESP, 1992), p. 135.



## Resumo

Este artigo apresenta alguns aspectos referentes à trajetória de vida de Lino Guedes (1897-1951), dando atenção especial à sua atuação no jornal Progresso. A partir dos caminhos (e descaminhos) traçados por esse jornalista, poeta e ativista negro, percebe-se que – apesar de todas as dificuldades, tensões, ambivalências e contradições – uma parcela dos descendentes de africanos em diáspora no Brasil granjeou distinção social e cultural sem prescindir de sua consciência racial.

**Palavras-chave:** pós-abolição – afro-brasileiro – imprensa negra – relações raciais

## Abstract

*This article presents some aspects of the life trajectory of Lino Guedes (1897-1951), giving special attention to his role in the newspaper Progresso. From the paths (and strayings) taken by this journalist, poet and black activist, one can learn that – despite all the difficulties, tensions, ambiguities and contradictions – a portion of the descendants of Africans in the Brazilian diaspora gained social and cultural status without having to dispense with their racial consciousness.*

**Keywords:** post-emancipation–Afro-Brazilians – black press – racial relations.

